

**17º Congresso de Iniciação Científica****O INTÉRPRETE DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO CONTEXTO DA ESCOLA
INCLUSIVA: FOCALIZANDO SUA ATUAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL (SEGUNDA ETAPA)****Autor(es)**

SUZELLEN SOARES DE CAIRES

Orientador(es)

ANNA MARIA LUNARDI PADILHA, ANA CLÁUDIA BALIEIRO LODI, CRISTINA BROGLIA FEITOSA DE LACERDA

Apoio Financeiro

PIBIC/CNPQ

1. Introdução

Ao se tratar da educação inclusiva de surdos, duas principais concepções estão presentes. A visão de que o surdo deve de certo modo aprender a linguagem oral para seu desenvolvimento, contrapõe-se à visão da educação bilíngüe na qual com o auxílio de um intérprete o surdo aprende primeiramente sua língua materna - a Libras (L1) - e a partir do desenvolvimento da L1 há o ensino-aprendizagem do Português em sua modalidade escrita (L2). Ambos os modelos serão discutidos a seguir:

As propostas educacionais têm como objetivo proporcionar o desenvolvimento dos surdos em sala de aula. Tanto no ensino especial ou no regular, a escolarização dos surdos tem sido um fracasso. Segundo Lacerda e Lodi (no prelo), há séculos que o ensino era realizado de maneira errada, fazendo com que os surdos falassem, atrasando seu desenvolvimento. Sabendo que a aquisição de linguagem é essencial para o aprendizado da criança, a aquisição de linguagem do surdo se dá de maneira diferente da dos ouvintes. Preocupados com a inclusão dos surdos em sala de aula incorporam-se a língua de sinais às práticas educacionais. A educação bilíngüe ainda é recente em nosso país, encontrando dificuldades de implantação. Já há pesquisas que comprovam resultados satisfatórios e adequados da educação bilíngüe em comparação com outros métodos.

Em várias regiões do Brasil, a possibilidade de oferecer uma escola especializada em educação bilíngüe não passa de um projeto. Quando há uma criança surda inserida no ensino regular, tem que ter certos cuidados e tratamentos especiais para obter um resultado satisfatório, ou seja, a educação bilíngüe. Evento que em muitas das vezes a criança não tem esse auxílio.

Ao procurar solucionar este problema é inserida no contexto escolar a intérprete de Libras, ao implantar um intérprete numa sala de aula surge oportunidade do aluno surdo ter acesso à informação escolar transmitida por sinais.

O intérprete passará as informações para língua de sinais, enquanto o professor ouvinte poderá continuar com suas aulas, sem a preocupação de como ministrar a aula para o surdo. Porém, a inserção de um intérprete de língua de sinais não garante a sustentação de todas as necessidades da pessoa surda.

É preciso que o papel do intérprete na sala de aula seja esclarecido, não se confundindo com o do professor. Também é necessário que este saiba qual é o seu papel e como se comportar diante de uma sala de aula, é preciso ter competência e uma formação para interpretar, porque se não há tal capacidade de nada valerá a interpretação para o surdo.

Com isso há vários debates, ressaltando a importância dos intérpretes na formação escolar do indivíduo surdo. Deste modo, o intérprete não é só um explicador, mas também assume um papel de profissional bilíngüe. Porém, esse profissional tem que ter conhecimentos sobre a comunidade surda e os desenvolvimentos do sujeito surdo.

Segundo Lacerda e Bernardino (no prelo), o papel do intérprete de língua de sinais é pouco claro tanto para as próprias pessoas que

atuam como intérpretes, como para aqueles que trabalham no espaço escolar. A pesquisa realizada pelas autoras buscando compreender o papel do intérprete no ensino infantil e ensino fundamental – primeira etapa observa-se que muitos intérpretes não têm a formação desejada.

Conforme os depoimentos de intérpretes colhidos para pesquisa, nota-se que a Libras não assume um lugar central na sala de aula no ensino infantil, sendo que a responsabilidade da Educação Infantil é de contribuir para o desenvolvimento da linguagem de todas as crianças, independentemente de suas necessidades, mas quando se trata de uma criança surda, precisa-se proporcionar situações suficientes para a aquisição da linguagem desta, criando uma união entre a família, comunidade, espaço terapêutico e a escola.

“Para essa construção é imprescindível privilegiar a Libras, mesmo que o conjunto de experiências escolares abranja atividades orientadas para a Língua Portuguesa (por exemplo, a modalidade escrita). Essa diretriz se justifica pela necessidade de promover o uso de uma língua que permita processos de comunicação e de significação – a Libras no caso dos alunos surdos, que servirá de base para a aquisição da Língua Portuguesa em sua modalidade escrita, um dos alvos centrais do processo de escolarização. (LACERDA e BERNARDINO, no prelo)”

Outro resultado mostrado na pesquisa é que tanto no ensino infantil quanto no ensino fundamental, são poucas as crianças que têm domínio em Libras.

“Além disso, uma das principais dificuldades de atuação do intérprete nestes níveis de ensino está no fato de que ele precisa se desdobrar atuando mais consistentemente na construção da língua e na construção de conceitos do que propriamente como um intérprete dos ensinamentos da professora para crianças. A fluência na Libras, de forma geral, precisa ser trabalhada com os alunos surdos, já que a maior parte deles só encontra interlocutores em sua língua no espaço escolar.”(LACERDA E BERNARDINO, no prelo)

Quando se trata de intérprete surgem vários questionamentos a respeito. Sabendo que há várias discussões e problemas acerca de sua formação, esta pesquisa teve como objetivo discutir a atuação e formação do intérprete no contexto escolar no ensino fundamental segunda etapa.

Neste relatório apresentamos uma revisão da literatura e a transcrição das entrevistas realizadas com duas intérpretes que atuam na referida etapa do ensino fundamental.

2. Objetivos

O objetivo deste trabalho é analisar o intérprete de Libras no contexto escolar, focalizando-se a pesquisa no intérprete de Libras na escola inclusiva do Ensino Fundamental-segunda etapa.

3. Desenvolvimento

Os sujeitos entrevistados foram duas intérpretes atuantes nas salas de aula do ensino fundamental - segunda etapa, dentro do projeto “Programa Inclusivo Bilíngüe para Surdos: buscando refletir sobre suas possibilidades e limites”, financiado pelo CNPq. As duas intérpretes, Samanta e Ariane atuam numa classe de 30 alunos, sendo oito alunos surdos e os demais alunos ouvintes.

A escola focalizada pertence à rede estadual de ensino da cidade de Campinas, onde crianças matriculadas na rede estadual são encaminhadas a esta escola, tendo a oportunidade de uma educação bilíngüe.

Para o desenvolvimento da pesquisa, optou-se pela técnica de entrevista, uma das mais utilizadas em investigações nas ciências humanas, para obtenção das informações, as entrevistas recorrerão a elementos explicativos associados às perguntas já pré-determinadas de caráter aberto.

As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas no padrão ortográfico. Além disso, as identidades das entrevistadas foram mantidas em sigilo, deste modo, os nomes utilizados nos depoimentos são fictícios. Foram entrevistadas duas intérpretes que atuam na mesma escola em Campinas.

4. Resultado e Discussão

Esta pesquisa teve como objetivo pesquisar o intérprete de Libras no contexto escolar visando responder as seguintes questões: Como é ser intérprete educacional? Quais as dificuldades cotidianas desse trabalho? Como o intérprete compreende seu próprio trabalho? Através dos dados obtidos conclui-se que há vários problemas na inserção do intérprete de Libras na educação bilíngüe. Um ponto a

ser destacado é a confusão de papéis entre o intérprete e o professor, pode se notar que nem mesmo o intérprete entende ao certo a sua função dentro da sala de aula. Observou-se que os professores requerem mais do intérprete como se eles fossem professores dos alunos surdos. Como mostrado na análise das entrevistas, os processos avaliativos são realizados pelas intérpretes, dificultando a aplicação da prova. Além disso, não há uma organização em sala de aula, prejudicando a transmissão do conhecimento para os surdos. Para as próprias intérpretes a sua formação não é o suficiente, embora enfatizem que sem a formação jamais conseguiriam atuar em uma escola.

Em relação às práticas pedagógicas, observou-se que a intérprete encontra dificuldades, pois há assuntos abordados em sala de aula que são inacessíveis para os surdos. Outro problema pauta no intérprete não ter acesso aos materiais didáticos antes das aulas, como mostrado na análise, são poucos os professores que se preocupam e entregam os materiais antes das aulas.

Pode-se analisar que muitos conteúdos são inacessíveis para o aluno surdo comprometendo toda a interpretação, sendo assim, o intérprete tenta inserir informações complementares para poder tentar igualar o conhecimento do aluno surdo com o do ouvinte.

Embora haja problemas envolvidos entre a intérprete e a escola, o método bilíngüe é o melhor para o surdo ter acesso aos conhecimentos. É através do intérprete que o aluno consegue aprender.

5. Considerações Finais

É necessário que faça uma pesquisa profunda sobre o comportamento e formação do intérprete de Libras no contexto da escola no Ensino Médio e Ensino Superior.

Também faz necessário que seja analisado a formação do intérprete para atuar na educação.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Decreto Nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

LACERDA, C. B. F. de- A Criança Surda e a Língua de Sinais no Contexto de uma Sala de Aula de Alunos ouvintes. Relatório Final do Projeto de Pesquisa FAPESP Proc. n.98/02861-1, 2000 a.

LACERDA, C. B. F. de- A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: Trabalhando com os sujeitos surdos, CADERNOS CEDES, nº50, Papyrus, 2000b, p.70-83

LACERDA, C. B. F. de- O Intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvintes: problematizando a questão, in Lacerda, C. B. F. de e Góes, M. C. R de (orgs.). Surdez: Processos Educativos e Subjetividades, São Paulo, Editora Lovise, 2000c, p.51-84.

LACERDA, C. B. F. de- A inserção da criança surda em classe de crianças ouvintes: focalizando a organização do trabalho pedagógico, in Anais da 23ª Reunião Anual da ANPED, 2000 d. www.anped.org.br

LEI Nº10. 436. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras e dá outras providências. Publicada no Diário Oficial da União em 24/04/2003.

LACERDA, C. B. F. de- & LODI, A. C. B. Uma Escola, Duas Línguas: Experiência de Inclusão Bilíngüe para Surdos no Ensino Infantil e Fundamental, no prelo.

LACERDA, C. B. F. de, & BERNARDINO, B. M. O intérprete de Língua de Sinais atuando na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, in: LODI, A. C. B., Uma Escola, Duas Línguas: Experiência de Inclusão Bilíngüe para Surdos no Ensino Infantil e Fundamental, no prelo.

LACERDA, C. B. F. de, Letramento e Minorias – O Intérprete Educacional de Língua de Sinais no Ensino Fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades, São Paulo, 2002.

UNESCO, Contexto Brasileiro em Educação, disponível em www.brasilia.unesco.org. Acesso em 20/05/2009.

VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1984, p. 121-134.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1993.